

A INTERPELAÇÃO DOS DISCURSOS ÉTICO E ECONÔMICO SOBRE A EDUCAÇÃO

LA INTERPELACION DE LOS DISCURSOS ETICO Y ECONÓMICO EN LA EDUCACIÓN

Denalize Goulart Leite*

* - Mestranda em Educação
– PUC-RS. Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, sendo orientada pela prof^a dr^a. Nadja Hermann.
E-mail: deecon@hotmail.com

Resumo

No contexto presente, a sociedade é individualista, imediatista, consumista, globalizada e empobrecida em seus valores éticos, onde há um Estado bastante complexo e enfraquecido, e uma educação subordinada aos interesses do capital. Este faz diversas exigências à educação, com o único objetivo de alcançar mais produtividade e melhores lucros. Sendo assim, no âmbito da economia e da sociedade, o indivíduo perde constantemente espaço para a eficácia, o lucro e o consumo. Por isso, se torna extremamente importante se pensar o papel da ética e da ciência econômica diante deste cenário. Porque, para que uma sociedade se mantenha e prospere, é fundamental uma educação ética e não unicamente técnica, conforme exige o sistema capitalista. No desenrolar da modernidade, temos o poder do dinheiro se sobrepondo a esta educação virtuosa.

Palavras - Chave: Educação, Capitalismo, Ética.

Resumen

En el actual contexto, la sociedad es individualista, inmediateista, consumista, globalizada y empobrecida en sus valores éticos, donde existe un Estado bastante complejo y debilitado y una educación subordinada a los intereses del capital. El mismo hace distintas exigencias a la educación con el único objetivo de alcanzar una mayor productividad y mejores ganancias. Así, en el

ámbito de la economía y de la sociedad el individuo pierde constantemente el espacio para la eficacia, la ganancia y el consumo. Por eso es muy importante considerar el papel de la ética y de la ciencia económica frente este escenario. Porque para que una sociedad se mantenga y prospere es imprescindible una educación ética y no unicamente técnica, como exige el sistema capitalista. En el curso de la modernidad tenemos el poder del dinero sobreponiéndose a esta educación virtuosa.

Palabras - Claves: Educación, Capitalismo, Ética.

1. A ruptura com os valores morais

A atual concepção de indivíduo é constituída por princípios e normas muito diferentes daqueles cultivados no início da Idade Moderna. Conforme, Goergen (2001), a Idade Moderna começa substituindo uma cultura teocêntrica e metafísica por uma cultura antropocêntrica e secular, e com o passar do tempo se fundamenta na crença ilimitada do uso da razão como forma de garantir uma sociedade melhor. Em outras palavras, o indivíduo por intermédio da razão passaria a dirigir a si mesmo, e a se preocupar com a ampliação do saber através do progresso intelectual, moral e social da humanidade.

Essas afirmações corroboram que as ideologias do contexto presente são o avesso do antigo ideal almejado de formação, que articulava a construção da subjetividade com uma ordem universal, como, por exemplo, o agir moral que proporcionaria as condições para se construir uma sociedade baseada nas ideias de igualdade e justiça. Tudo isso, no entanto, é o oposto do atual desvirtuamento do agir humano.

No contexto presente, a sociedade é individualista, imediatista, globalizada, consumista e empobrecida em seus valores éticos. No âmbito da economia e da sociedade, o indivíduo perde constantemente espaço para a eficácia, o lucro e o consumo.

Nesse cenário, excepcionalmente no âmbito econômico, predomina o modelo industrial; como função econômica e social, ostenta uma aparente neutralidade ao abster-se de qualquer crítica normativa; e, como função política, defende um Estado democrático bastante complexo e enfraquecido que trabalha em prol dos interesses do capital. De forma mais específica, pode-se

dizer que nesse cenário predomina o paradigma racional instrumental¹. Para este, conforme Goergen (2001, p. 20): “O que importa não é o conhecimento em si, mas o conhecimento com seu atributo tornado essencial: sua utilidade”.

Esse paradigma, com seus avanços científicos e tecnológicos, condiciona os nossos valores, a nossa forma de pensar, perceber e fazer as coisas, colaborando e promovendo modificações no jeito de ver o mundo e no jeito de ver a si próprio.

Como parte integrante deste quadro, a educação também sofreu modificações, pois a organização educacional que deveria ser a responsável pelo processo contínuo de construção de valores éticos e de solidariedade para com todos passou a ser a principal reprodutora das exigências do sistema vigente.

Sendo assim, é importante se pensar o papel da educação diante deste cenário, pois, para que uma sociedade se mantenha e prospere, é fundamental uma educação ética, e não unicamente técnica. Afinal, uma educação técnica voltada unicamente para o desenvolvimento de competências cria e mantém mecanismos de exclusão e desigualdade, desvirtuando o papel da educação, que deveria ser a busca pela coesão social através de uma práxis ética orientada pelo educador. A educação virtuosa, promotora da justiça e do aperfeiçoamento do indivíduo, não pode ser deixada a cargo de um mercado que, por essência, é incapaz de criar as condições de igualdade (CORTINA, 2005).

2. O sistema econômico vigente

As relações estabelecidas entre os indivíduos do século 21 são determinadas pela eficácia das transações econômicas. A ideia de lucro penetrou o mundo do trabalho e da educação. Sendo a educação profundamente interpelada pelo discurso econômico vigente, vê-se neste contexto somar a suas competências uma maior importância em relação ao desenvolvimento econômico dos países. O capitalismo impõe ao mundo sua visão economicista, ampliando constantemente a possibilidade de se empregar a astúcia e a traição (KESSELRING, 2007).

O mercado dita as normas, e o trabalho, que antes era visto como um meio propagador de uma nova realidade e melhoria da qualidade de vida da sociedade, agora, “propaga a lógica do dinheiro e do poder, visando à busca não mais do entendimento, mas sim de interesses privados e particulares”

¹ - A racionalidade instrumental é um método que se fundamenta na relação meio-fim com o intuito de dominar tudo a sua volta.

(DALBOSCO, 2005, p. 165). Acontece então, nesse atual sistema, uma ruptura dos laços de solidariedade, possibilitando a consolidação de relações baseadas unicamente em interesses individuais e de ganho financeiro. A seguir se faz uso das palavras de Kesselring para se ratificar este panorama:

O atual sistema de mercado oferece para isso abundantes oportunidades. Segundo o princípio do egoísmo, ou do proveito próprio, cada um está disposto a explorar a realização de terceiros em seu próprio proveito (KESSELRING, 2007, p. 236).

O fortalecimento do capitalismo tardio com seu discurso econômico consolidado nos anos oitenta com a industrialização, a aquisição de novas tecnologias e com o crescimento dos mercados globais, inseriu no sistema educativo a ideia de que o melhor para a sociedade é propiciar uma educação que a qualifique para o mercado de trabalho. Educação esta que subordina o indivíduo a uma moral burguesa que estabelece como aceitável viver numa sociedade assentada nas desigualdades sociais, materiais, culturais, etc. (SANFELICE, 2005).

Desigualdades que desde o início do século 19 vêm aumentando em nível global, em vez de diminuir. “Ninguém nega que nossa geração se encontra confrontada com desafios fundamentais e que ela necessita, para a sua solução, de uma reforçada cooperação e de uma cooperação de todos com todos” (KESSELRING, 2007, p. 22).

Entretanto, até mesmo no momento de cooperar o sistema capitalista deixa a desejar, pois ele opera em consonância com a máxima utilitarista que admite, segundo Kesselring (2007), o questionamento sobre: quais são as formas de desigualdades de fato eticamente relevantes? E, sendo assim, permite que a justiça e a solidariedade sejam praticadas com base em interesses individuais e que considere apenas os resultados quantitativos.

Todavia, esse mesmo sistema causador do abismo abundância e escassez permitiu que se criassem conceitos de cooperação global². Esta cooperação luta pelo desenvolvimento econômico, mas principalmente pelo desenvolvimento social da nação. Contudo, uma inclinação espontânea para o agir solidário é algo pouco provável nesta sociedade em que por décadas impera um sistema que prioriza as decisões econômicas e políticas sobre as sociais (trabalho, educação, moradia, saúde, benefícios sociais). E um exemplo dessa valorização do econômico e do político sobre o social pode ser a Teoria Econômica Keynesiana:

² - Aqui faço uma referência de forma bem ampla às diversas entidades e movimentos sociais que desenvolvem ações em prol de um mundo mais justo, mais igualitário.

Keynesianismo visava mais preservar o capitalismo que conseguir a igualdade por motivos éticos. E, no que diz respeito à solidariedade, ocorre com ela o mesmo que com a liberdade: ela não pode ser imposta (CORTINA, 2005, p. 65).

O sistema capitalista trabalha em torno de uma “despotencialização ética” das relações humanas, de um desvirtuamento da ação educacional e da redução do poder do Estado (KESSELRING, 2008, p. 22), onde “quem não dispõe de dinheiro é excluído do mercado. Exclusão, apartheid, construção de muros invisíveis”³.

³ - Ibid., 275.

3. O Estado e a educação para o mercado de trabalho

Como já se falou, muitos foram os avanços científicos e tecnológicos; contudo, um dos mais relevantes para esta fase avançada do capitalismo é o advento da globalização. Com a globalização, os assuntos econômicos ganharam maior magnitude, possibilitando ao mercado impor uma impotência ao Estado no que diz respeito a controlar os seus abusos. Sendo assim, o setor privado passou a ser o principal responsável por extirpar as desigualdades e promover o bem comum. Porém, não o faz como é evidente. No que segue, Goergen (2001, p. 6) explicita esta configuração advinda da globalização:

O grande mote da última década foi a globalização da economia que, desimpedida dos “entraves” do Estado e da preocupação social e deslizando pelos azeitados trilhos da tecnologia da informação, deu fim a qualquer projeto ou mesmo controle social e político.

O Estado perante este panorama de impotência frente ao poder de mercado passou a aceitar e executar todas as exigências do sistema capitalista, inclusive as relativas ao ideário educacional. O sistema capitalista defende um “mercado escolar”, onde a educação é relegada ao *status* de mercadoria, e, sendo assim, deve ser produzida de forma rápida e de acordo com rigorosas normas de eficiência e de produtividade (GENTILI, 2004). Estado e educação tornam-se submissos aos interesses do capital, como segue em citação de Haddad e Graciano (2004, p. 67):

[...] o governo federal instituiu uma reforma educacional que buscou adaptar o sistema de ensino à reforma do Estado, em consonância com as orientações das instituições financeiras multilaterais que, além de destacarem essa área como prioritária, indicaram uma série de medidas para o setor.

Em outras palavras, equivaleria a dizer que o Estado é unicamente político e econômico e, quando tange ao social, um dos aspectos como a educação passa a ter como única função adaptar o indivíduo às demandas da economia de mercado, destituindo-se de qualquer compromisso com uma educação crítica e solidária, incentivadora dos direitos humanos.

4. As exigências do mercado de trabalho

Diversas são as exigências que o sistema capitalista faz à educação (SANFELICE, 2005), com o objetivo único de impor ao mercado de trabalho o aumento da produtividade, visando sempre como valor supremo às taxas máximas de lucro (FRIGOTTO, 2005). Essa política condiciona o indivíduo a buscar um contínuo aperfeiçoamento, e cria ou reafirma os sentimentos de individualismo, concorrência e submissão⁴.

⁴ - Acredito que o termo submissão no mercado de trabalho poderia ser sinônimo de flexibilidade, pois esta determina o indivíduo que se submete a todas as imposições do mercado para se manter empregado.

[...] uma produção sempre mais eficiente que torna cada vez mais supérflua a força de trabalho, ou uma formação de forças de trabalho profissional sempre mais radicalmente especializado e mais caro. A colaboração para o desenvolvimento estará condenada ao fracasso se ela não atuar decididamente contra essas tendências (CORTINA, 2005, p. 263).

⁵ - Ibid., p. 70.

Conforme Cortina⁵, “o trabalho remunerado é fonte não só de dinheiro, mas de identificação e participação social”. Entretanto, no contexto capitalista ele deixou de ser unicamente o mecanismo pelo qual o indivíduo se socializa e procura satisfazer suas necessidades básicas; hoje, o trabalho é unicamente a busca pela riqueza, pelo lucro através da exploração da mão-de-obra.

O trabalho já propiciou crescimento social, político e econômico ao indivíduo e às sociedades ao longo do contexto histórico. Na Grécia de Hesíodo, o trabalho era visto como fonte de justiça, propagador da felicidade e meritocrático; já na atualidade, ele é visto como excludente e gerador de desigualdades. Ou seja, ao longo da história o trabalho sofreu inúmeras transfor-

mações, tanto em sua base conceitual como na prática, que hoje conta com uma avançada tecnologia para a realização das tarefas.

Contudo, a cada avanço tecnológico e científico, o que se verifica é uma quantidade imensurável de trabalhadores dispensados de seus postos de trabalho. O que faz com que alguns autores como Adorno e Horkheimer⁶ falem do fim do trabalho. E a respeito deste tema há uma vasta bibliografia como, por exemplo, Cortina (2005, p. 91), que diz:

As empresas preferem reduzir o pessoal, acreditando que aumentar a competitividade exige seguir o imperativo da inovação tecnológica, reduzindo mão-de-obra, já que isso lhes permite poupar subsídios, planos assistenciais e fundos de pensão.

No entanto, há quem discorde que este sistema gere aumento no número de desempregados, como, por exemplo, Mises (1990, p. 842): “Só pessoas cegas por ideias preconcebidas e por preconceitos partidários poderiam recorrer a tal explicação numa época em que a indústria supre as massas com novas mercadorias até então desconhecidas”. Todavia, não bastam apenas novos produtos e possibilidades de consumi-los para que o bem-estar de uma sociedade seja alcançado. Para que se alcance o bem-estar, é necessário relacionar o trabalho com os interesses pessoais, ter acessos a contatos inter-humanos que o satisfaça e, além disso, um bom sistema educacional.

Entretanto, para o pensamento econômico, o investimento em educação primária, secundária e superior foi por muito tempo negligenciado; nunca esteve entre as prioridades de investimento o cuidado com a formação do indivíduo, pois “a produção sempre foi explicada apenas em termos de terra, trabalho e capital, esquecendo-se do capital humano” (ARRUDA; WHITAKER; RAMOS, 2001, p. 159). Ou seja, por um longo tempo os investimentos priorizaram apenas esses três fatores da economia.

E, até hoje, onde se exige um grau maior de formação para se ter acesso ao mercado de trabalho, a educação continua negligenciada, pois atualmente ela se encontra à mercê de um sistema capitalista que lhe concede apenas o *status* de mercadoria, impossibilitando que a instituição educacional cumpra com suas demais funções que, conforme Barreto (2003, p. 1), são:

O espaço escolar deve privilegiar a pesquisa, a discussão e a análise crítica sobre a relação dos homens, na atualidade, com o mundo do trabalho. Estas relações impactam de diferentes formas o modo

⁶ - Adorno e Horkheimer buscam desvendar a face oculta, negativa, do projeto da modernidade, procurando mostrar que, ao lado de suas inegáveis conquistas no campo da ciência e da tecnologia com consideráveis vantagens para o homem, exigiu dele sacrifícios imensos que, no limite, implicam a submissão total do ser humano (GOERGEN, 2001, p. 19).

como as sociedades se organizam em todos os sentidos, além da geração de renda, do poder aquisitivo e do consumo. Estas questões têm relação direta com as reais possibilidades de transformação da sociedade no caminho da justiça, da solidariedade, da equidade social, do senso democrático.

5. O fenômeno do consumo e a mercantilização da educação

O capitalismo já mencionado é um sistema que tem como objetivo único a obtenção de lucro através, entre outros meios, da compra e venda de bens e serviços para uma massa de consumidores inseridos em um mercado global. Com o passar dos tempos, este sistema adquiriu novos meios para alcançar seu objetivo único, sendo um deles o fenômeno do consumo:

[...] a reprodução da sociedade capitalista é obtida mediante encontros transnacionais interminavelmente repetidos entre o capital no papel de comprador e o trabalho no de mercadoria; então, o Estado capitalista deve cuidar para que esses encontros ocorram com regularidade e atinjam seus propósitos, ou seja, culminem em transações de compra e venda (HABERMAS *apud* BAUMAN, 2008, p. 14).

Entretanto, houve uma mudança no conceito de consumo, que durante muito tempo foi a aquisição de bens e serviços voltados para a satisfação de necessidades externas. Mas, agora, tornou-se uma procura de satisfação interna. É como se através da compra o indivíduo conquistasse igualdade e felicidade.

Aristóteles acreditava que o conceito de felicidade (*eudaimonia*) era a finalidade visada por todo ser humano e correspondia à excelência humana. Ou seja, a felicidade “está relacionada à realização humana e ao sucesso naquilo que se pretende obter, se aquilo que se faz é bem-feito” (MARCONDES, 2007, p. 40).

Porém, esses conceitos foram sendo substituídos gradualmente pelos conceitos econômicos, devido à educação ter negligenciado a importância dos temas filosóficos em detrimento do receituário capitalista. E, sendo assim, o consumo passou a ser ora um meio para a felicidade, ora a própria felicidade. Dessa forma, isso gera uma realidade onde o capital compra felicidade, igualdade, educação, entre outras coisas.

Em consonância com o fenômeno do consumo, temos a venda crescente da mercadoria educação. A OMC (Organização Mundial do Comércio) já estuda submeter à educação as regras do comércio global, e o Estado ao não tomar uma atitude enérgica para regular a educação faz com que ela esteja vulnerável à avidez das empresas internacionais em entrar e dominar este setor.

Por fim, o que se vislumbra na nossa sociedade é a educação sendo comprada como um meio que possibilita a conquista de igualdade. A sociedade individualista e competitiva quer se educar para garantir sua subsistência através do salário pago pelo empresário capitalista, ávido por lucro.

No entanto, o que de fato acontece é a exploração da mão-de-obra deste indivíduo técnico, instrumentalizado e acrítico. Este indivíduo é resultado de uma educação que garante apenas o mínimo de conhecimento necessário para se ocupar uma vaga no mercado de trabalho capitalista. O que contradiz o ideal de educação que é proporcionar tanto conhecimento tecnicamente utilizável como também o conhecimento que desenvolva no indivíduo a autonomia e o sentimento de pertencimento a uma sociedade.

6. Conclusão

A modernidade é reconhecida como sinônimo de mudanças (RATTO, 2007), mudanças essas que trouxeram modificações e interferiram nos processos de urbanização, globalização, sistema educativo e consumo.

O foco principal deste trabalho foram as modificações e as interferências ocorridas no discurso proferido pela educação. Esta influência transformadora oriunda em sua maioria do discurso econômico está agindo sobre a educação de modo a formar resultados negativos. Afinal, como já se falou anteriormente, a educação oferece apenas conhecimentos que adaptem o indivíduo à sociedade industrial de modo eficaz e que não conteste as regras do sistema capitalista; ou seja, a sociedade atual recebe uma educação puramente voltada para responder de forma eficiente às teorias econômicas. Essa dissemina o poder de consumo e ensina o que produzir, quanto e para quem produzir na busca incessante do lucro.

Sendo assim, a interpelação do discurso ético na educação se faz de extrema importância, pois através de uma educação ético-moral é possível resgatar e ampliar a capacidade reflexiva do indivíduo, e, assim, possibilitar que este lute contra a lógica capitalista que causa tanta desigualdade.

A economia é uma ciência autônoma, porém deve agir em consonância com a ética, conforme Sen (2008): a filosofia moral pode trazer contribuições substanciais para economia. A ética não irá resolver o problema social de um Estado, no que tange suas desigualdades econômicas, mas proporcionará as bases conceituais necessárias para que uma política social seja solidária, justa e igualitária.

Resumindo, o sistema econômico que vigora no mundo instaurou uma educação capitalista dissociada de qualquer outra influência que não a da teoria econômica. Sendo assim, a educação virou sinônimo de educar para o consumo, para as trocas e para o lucro, ignorando que a literatura ética pode contribuir para um agir moral que incentive a construção de uma sociedade melhor, mais igual, mais justa. Nas palavras de Goergen (2001, p. 9): “[...] a mudança de mentalidade, o nascer de uma nova consciência precisam ser estimulados através do processo educativo, educação e formação ética se tocam, necessariamente”.

Referências

ARRUDA, Cecília de; WHITAKER, Maria; RAMOS, José Maria. *Fundamentos de ética empresarial e econômica*. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2001.

BARRETO, Suely. *Em pauta: Educação para o consumo*. Coleção Gira Mundo, Rio de Janeiro, n. 14, 2003. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/portal/_download/gira14.pdf. Acessado em: 13 abr. 2009.

BAUMAN, Zygmund. *Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CORTINA, Adela. *Cidadão do mundo*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

DALBOSCO, Claudio. Desafios ético-educacionais diante da crescente colonização do mundo da vida. In: GOERGEN, Pedro; LOMBARDI, José (Org.). *Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas*. São Paulo: Autores Associados, 2005.

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação, trabalho e ética: desafios e perspectivas*. In: GENTILLI, Pablo. *Neoliberalismo e educação: manual do usuário*. Firgoa universidade publica-espazo comunitario, Espanha, mar. 2004. Disponível em: <http://firgoa.usc.es/drupal/node/3036>. Acessado em: 24 mar. 2009.

GOERGEN, Pedro. *Pós-modernidade, ética e educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

GOERGEN, Pedro; LOMBARDI, José (Org.). *Ética e Educação: reflexões filosóficas e históricas*. São Paulo: Autores Associados, 2005.

GRACIANO, Mariângela; HADDAD, Sérgio. Educação direito universal ou mercado em expansão. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, ano 3, n. 18, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v18n3/24780.pdf>. Acessado em: 9 abr. 2009.

KESSELRING, Thomas. *Ética, política e desenvolvimento humano: a justiça na era da globalização*. Caxias do Sul, RS: Educ, 2007.

MARCONDES, Danilo. *Textos básicos de ética de Platão a Foucault*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MISES, Ludwig von. *Ação humana: um tratado de economia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Instituto Liberal, 1990.

RATTO, Cleber. *Cultura e consumo: notas para um estudo antropológico do consumo na sociedade contemporânea*. Porto Alegre, RS: Think, v. 5, p. 109-118, 2007.

SANFELICE, José. Educação, trabalho e ética. In: GOERGEN, Pedro; LOMBARDI, José (Org.). *Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas*. São Paulo: Autores Associados, 2005.

SEN, Amartya. *Sobre ética e economia*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.